

simples e livre da dominação (*Evangelii Gaudium*, 49-51).

Finalmente, todos estes valores não se podem separar da Caridade. Uma verdade sem caridade pode conduzir ao dogmatismo e fundamentalismo; uma liberdade sem caridade pode transformar-se em libertinagem; e uma justiça sem caridade facilmente se transforma em vingança.

O QUE FAZER?

- Disponibilize tempo para a leitura desta ficha com outros membros da comunidade.
- Reflita sobre o que é a verdade em política, em economia, na vida social em geral e identifique exemplos de falta de verdade.
- Reflita sobre o que é a liberdade em política, em economia, na vida social em geral e identifique exemplos de falta de liberdade.
- Reflita sobre o que é a justiça em política, em economia, na vida social em geral e identifique exemplos de falta de justiça.
- Retire conclusões e defina acções concretas.

MOMENTO DE ORAÇÃO

Coloquemo-nos na presença do Senhor, voltemos a ler o texto bíblico que abre este documento e perguntemo-nos, Lhe perguntemos: Senhor, como podemos ser cada vez mais livres, justos e verdadeiros? Escutemos o que Ele tem para nos dizer.

Pai Nosso...

“A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afectados, é necessária uma voz profética” (EG 218).



4 OS VALORES DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

“Jesus pôs-se a dizer aos judeus que nele tinham acreditado: «Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres” (Jo 8,31-32).

INTRODUÇÃO

Após termos colocado o alicerce da reflexão da Igreja que é a dignidade humana e os princípios sobre os quais se constrói a reflexão da Igreja sobre a questão social - o bem comum, o destino universal dos bens, a subsidiariedade, a participação e a solidariedade - é necessário refletir, agora, sobre os valores fundamentais da vida social. Estes valores estão intimamente interligados com os princípios da Doutrina Social da Igreja. Se negligenciarmos estes valores, a vida social tornar-se-á um inferno e os cidadãos tornar-se-ão inimigos uns dos outros. Um filósofo chamado Hobbes dizia que “o homem é um lobo para o homem”, mas isto acontece, diz ele, numa sociedade onde não há princípios nem valores, mas unicamente instinto. Por isso, a Igreja assinala três valores que não podem faltar na vida social, sem os quais a guerra e as lutas impor-se-ão. Estes valores são a verdade, a liberdade e a justiça. Todos eles cobertos com o manto da caridade. Vamos prestar atenção a cada um destes valores e perceber como se articulam com os princípios.

A VERDADE

Em grego, verdade diz-se *alétheia* e significa aquilo que *não é esquecido, que está patente à vista de todos*. O contrário da verdade é a aparência, a

escuridão, o encobrimento, intencional ou não, da realidade das coisas. Em latim, verdade diz-se *veritas* e refere-se à narrativa que relata os factos tais como acontecem. O contrário de verdade é imprecisão, engano, mentira. Em hebraico, verdade diz-se *'emet* e *'emunah*, de onde procede a palavra “amén”. Significa aquilo ou aquele que é fiável, fiel. Assim, ser verdadeiro é ser sincero e honesto, autêntico, ter recta intenção, não esconder a realidade nem ter “agendas secretas ou ocultas”, isto é, dizer uma coisa que aparentemente é aceitável escondendo as verdadeiras intenções do que se pretende. Como vemos, na DSI a verdade tem mais a ver com a atitude pessoal do que com o conhecimento em si mesmo.

O Papa João XXIII sustenta que o viver na verdade tem um significado especial nas relações sociais. A convivência entre os seres humanos numa comunidade é efectivamente ordenada, fecunda e condizente com a sua dignidade de pessoas quando se funda na verdade (*Pacem in Terris*, 165-166). O Papa Francisco, por sua vez, chama a atenção para os riscos de manipulação. No sistema económico e na cultura actuais “o real cede o lugar à aparência” e os meios de comunicação social, por exemplo, manipulam a realidade a fim de defender interesses contrários aos interesses económicos dos povos (*Evangelii Gaudium*, 61 e 62). Por isso, na sua encíclica *Laudato Si*, coloca como um dos eixos que atravessa todo o documento a necessidade de debates sinceros e honestos (cf. LS 16), pois sem essa procura da verdade, o cuidado da nossa casa comum é impossível.

A LIBERDADE

A liberdade é o sinal mais evidente da dignidade da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus. Toda pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável. No entanto, não podemos cair na ilusão de pensar que a liberdade é a ausência de qualquer limite de escolha. Isso é pura ilusão. Começando pelo dom da vida, que não foi escolha pessoal, também a família, a etnia, a cultura, ou a herança genética não foram escolhas pessoais. De facto, é livre quem assume com responsabilidade a sua própria identidade e aquilo que recebeu, e é capaz de se desapegar efectivamente de tudo o que possa dificultar o seu crescimento pessoal, familiar e social. Como dizia Gandhi: “*existem homens presos na rua e homens livres na prisão. É uma questão de consciência*”. Por isso, a liberdade humana adoece quando a pessoa se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal

(*Laudato Si*, 105).

A liberdade caminha sempre a par da responsabilidade que se refere à capacidade de responder pelos próprios actos, de fazer escolhas e assumir as consequências. A liberdade só existe verdadeiramente quando entre as pessoas se estabelecem laços recíprocos, regidos pela verdade e pela justiça. A plenitude da liberdade consiste na capacidade de dispor de si próprio na busca do autêntico bem, no horizonte do bem comum universal. Por isso, “às vezes - diz o Papa Francisco - para que haja uma liberdade económica da qual todos realmente beneficiem, pode ser necessário pôr limites àqueles que detêm maiores recursos e poder financeiro” (*Laudato Si*, 129).

JUSTIÇA

Na Bíblia, ser justo é obedecer a Deus e fazer a vontade de Deus, porque Ele é justo (cf. Dt 6,20-25). É cumprir a Lei que Deus deu ao povo, porque ela é justa (cf. Dt 4, 8). Quando actuamos conforme a vontade e os mandatos de Deus, há liberdade, fraternidade e ninguém passa fome na sociedade. Por isso, na Bíblia, não se pode conhecer o Senhor e ser-se injusto: aquele que não pratica a justiça não conhece Deus (cf. Is 11,1-9; Jer 22,16).

Em sentido geral, a justiça é aquilo que se deve fazer de acordo com o direito, a razão e a equidade. Fala-se das categorias de justiça comutativa, distributiva, penal ou retributiva conforme as áreas de aplicação na vida em sociedade. São princípios básicos que mantêm a ordem social através da preservação dos direitos na sua forma legal. Mas, sobretudo, a Justiça Social é aquela que tem maior relevância. Esta representa um verdadeiro desenvolvimento da justiça geral, reguladora das relações sociais com base da observância da lei. Assim, podemos dizer que a justiça é dar a cada um o reconhecimento que se lhe deve na sua dignidade e nos seus direitos e deveres para com os outros irmãos/irmãs. É restabelecer os laços sociais que reconhecem a dignidade de cada um e de todos entre si.

A partir daqui, podemos entender facilmente o que é a injustiça: não reconhecer a dignidade inerente (absoluta e intrínseca) dos outros, nem respeitar os direitos que derivam da dignidade. Só para se ter uma ideia concreta do que falamos, 60 bilionários detêm aproximadamente metade da riqueza global actual e o mundo mergulha numa crise económica até agora sem horizontes de superação. Esta tamanha injustiça levou o Papa Francisco a afirmar que “*esta economia mata*”, associando a problemática à violação do quinto mandamento da lei de Deus e a apelar a todos a um estilo de vida